DOI 10.20504/opus2025.31.31

Três conceitos para pensar a educação musical da infância

Sandra Mara da **Cunha**
https://orcid.org/0000-0002-2952-1796
(Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC/ Centro de Artes, Design e Moda/ Departamento de Música/ Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis-SC, Brasil)

Dhemy de **Brito**
https://orcid.org/0000-0002-2184-067X
(Universidade do Minho/ Centro de Investigação em Estudos da Criança/ Instituto de Educação/ Departamento de Ciências Sociais da Educação, Braga, Portugal)

Lisiane Cristina da Silva **Pereira**
https://orcid.org/0009-0006-7727-5063
(Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC/ Centro de Artes, Design e Moda/ Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis-SC, Brasil)

Resumo: Em formato de ensaio, este artigo objetiva discutir três conceitos abordados em investigações vinculadas ao Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, fundamentados na educação musical da infância, área emergente que compõe os Estudos Sociais da Infância. O texto está organizado em duas partes. Na primeira delas, apresentamos a educação musical da infância como uma perspectiva teórica essencialmente interdisciplinar e dialógica, nascida das interlocuções da Educação Musical com a Sociologia da Infância para pensar a infância e crianças em processos de aprender e ensinar música. Na segunda parte, discutimos os conceitos de **dupla escuta**, **polifonia e docência ressignificada**. Ao serem pensados dentro do quadro teórico da educação musical da infância, os conceitos possibilitam a compreensão de perspectivas infantis sobre aprender música, suas consequentes reverberações em pesquisas e na ação docente com crianças na educação infantil, no coro infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Os três conceitos revelam que a escuta das vozes infantis é princípio norteador das relações de pesquisadoras(es) e professoras(es) com crianças, em estudos nos quais elas são consideradas sujeitos de conhecimento. O reconhecimento dos direitos das crianças, em especial o de participação, constituem-se como bússola que sustenta as relações intergeracionais e fundam a construção da cidadania infantil. Como resultantes, propomos a defesa de pesquisas e práticas musicais que transcendem discursos teóricos e consideram verdadeiramente os modos das crianças se envolverem com a música, destacando suas vozes, autoria e a necessidade de ressignificar posicionamentos docentes adultocentrados.

Palavras-chave: educação musical da infância. dupla escuta. polifonia. docência ressignificada. pesquisa com crianças.

Three Concepts for Rethinking Early Childhood Music Education

Abstract: Written in essay format, this article discusses three concepts addressed in investigations connected with the research group mei: music, education, early childhood [mei: música, educação, infância], grounded in music education of childhood, an emerging field within the Social Studies of Childhood. The text is organized into two parts. The first presents music education of childhood as a theoretical perspective that is fundamentally interdisciplinary and dialogical, arising from the intersections of Music Education and the Sociology of Childhood in order to conceptualize childhood and children in processes of learning and teaching music. The second discusses the concepts of double listening, polyphony, and re-envisioned teaching. Considered within the theoretical framework of music education of childhood, these concepts provide ways to understand children's perspectives on learning music and their reverberations in research and in teaching practice with children in early childhood education, children's choirs, and the early years of elementary school. The three concepts highlight the importance of listening to children's voices as a guiding principle for researchers and teachers, especially in studies that recognize children as subjects of knowledge. The recognition of children's rights, particularly the right to participation, services as a compass sustaining intergenerational relationships and grounding the construction of childhood citizenship. In conclusion, we advocate for research and musical practices that move beyond theoretical discourse and genuinely consider the ways in which children engage with music, emphasizing their voices, authorship, and the need to re-envision adult-centered teaching practices.

Keywords: early childhood music education. double listening. polyphony. re-envisioned teaching practices. research with children.

CUNHA, Sandra Mara da; BRITO, Dhemy de; PEREIRA, Lisiane Cristina da Silva. Três conceitos para pensar a educação musical da infância. *Opus* (Assoc. Nac. Pesqui. Pós-Grad. Música), Vitória, v. 31, e253131, p. 1-15, 2025. http://dx.doi.org/10.20504/opus2025.31.31
Recebido em 10/12/2024, aprovado em 5/8/2025, publicado em 21/10/2025

O campo multidisciplinar dos Estudos Sociais da Infância congrega investigações em áreas das Ciências Sociais e Humanas com o objetivo de compreender a infância como fenômeno complexo, marcado por diversidade e diferenças. No caso do Sul Global, âmbito geopolítico do qual o Brasil faz parte, o entendimento das desigualdades existentes nos contextos em que vivem as crianças possibilita a compreensão das singularidades sociais e culturais da infância brasileira e como isso impacta suas experiências musicais e saberes. É como componente deste campo multidisciplinar que a educação musical da infância (Cunha, 2020) vem trilhando seus passos no intuito de se constituir como área de estudos, pesquisas e práticas com crianças, com base nas conversações teóricas da Educação Musical com a Sociologia da Infância, de modo preponderante, mas não exclusivo, por também estabelecer diálogos com a Antropologia da Criança e com a Filosofia da Infância.

O reconhecimento da infância como categoria social menorizada em contextos músico-pedagógicos recusa o apagamento e o silenciamento das crianças e convida à realização de pesquisas e propostas educativas que promovam a escuta de suas vozes e de sua participação. Com a compreensão de que as vozes infantis falam também por meio da música, a escuta das crianças e de seu fazer musical autoral ecoam e convocam à ressignificação de papéis docentes ainda marcados pela presença do poder adulto na escola e em outros contextos educativos.

O texto que apresentamos para a composição do dossiê "Infância Musicante" dedica-se à discussão de três conceitos pensados no quadro teórico da educação musical da infância. Dois deles foram tratados em duas investigações de doutorado, e o terceiro é resultante das reflexões das autoras e do autor deste texto sobre pesquisa de mestrado, sendo todos os estudos realizados por membras(o) do Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

O primeiro dos conceitos é a **dupla escuta** (Cunha, 2014), que inaugura as discussões da área, resultante de pesquisa de doutorado acerca da formação musical de dois grupos de professoras da educação infantil da rede de ensino do município de São Paulo (SP). No desenrolar dos encontros formativos com as profissionais por meio de pesquisa-ação, aconteceu uma mudança significativa na escuta docente, que passou a considerar não apenas a música, mas essencialmente as crianças fazendo música.

O segundo conceito, **polifonia** (Brito, 2025), pensado a partir de uma pesquisa etnográfica de doutorado, ampliou o entendimento do termo para além daquele compreendido na música e na literatura como sobreposição de vozes (melodias) simultâneas e harmônicas. O autor propõe conceituá-lo com base em uma perspectiva ontológica e social, como um contraponto ético nas relações de alteridade entre vozes adultas e vozes de crianças de um coro infantil de uma cidade do interior do Paraná.

O terceiro dos conceitos, **docência ressignificada**, é resultante das reflexões das autoras e do autor ao revisitar a pesquisa de mestrado de Pereira (2023), na qual o objetivo foi o de problematizar o papel de professora da própria autora, em aulas de música com crianças de uma escola pública de anos iniciais do ensino fundamental. A escola era localizada em um município da região metropolitana de Porto Alegre (RS).

O artigo está dividido em duas partes. De início, situamos a educação musical da infância como uma perspectiva teórica essencialmente interdisciplinar e dialógica. Nesta parte, explicitamos a concepção de infância que sustenta a área - como construção histórico-social e categoria social do tipo geracional. Além disso, trazemos princípios fundantes que a inauguraram, tais como o entendimento da música como ação social e a criação artística como componente central das propostas músico-pedagógicas no trabalho com crianças.

A segunda parte do artigo discute os conceitos de dupla escuta, polifonia e docência ressignificada, tratados nas investigações mencionadas e revisados a partir de estudos e discussões dos três autores membros do Grupo de pesquisa para a escrita deste artigo. Realizados em diferentes contextos e por meio de distintas metodologias de pesquisa, cada um dos conceitos, ao serem pensados em acordo com a educação musical da infância, possibilitou a compreensão das perspectivas infantis sobre aprender música e suas consequentes reverberações na ação docente com crianças na educação infantil, no coro infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

O debate que aqui propomos assume as características de um ensaio (Larossa, 2003), entendendo-o como uma escrita que busca explicitar os caminhos de teorizações em construção, suscitadas pelos estudos do Grupo de pesquisa mei, em conexão com experiências de fazer música com crianças e realizar pesquisas com elas e sobre elas em contextos vinculados à educação pública brasileira, sobre os quais elas têm muito a dizer. Dupla escuta, polifonia e docência ressignificada são conceitos que emergiram da escuta das vozes infantis e que nortearam a relação do(as) professor(as) e pesquisador(as) com crianças em estudos nos quais elas foram consideradas sujeitos de conhecimento. Nesse caminho, o reconhecimento dos direitos das crianças, em especial o de participação, constituiu-se como bússola que sustentava as relações intergeracionais e fundou a construção da cidadania infantil.

Ao propormos pensar os três conceitos como princípios da educação musical da infância, trazemos nossa contribuição para o que propõe o dossiê do qual este texto faz parte, com a clareza de que pensar na infância como marcador social da diferença possibilita compreender as interrogações que as crianças lançam à educação musical na contemporaneidade.

Como resultantes, afirmamos a educação musical da infância como área passível de sustentar pesquisas e atuações docentes que pensam a infância e que, para além da retórica teórica, reconhecem os modos das crianças se envolverem com a música em processos de formação nessa área do conhecimento. Assim, convidamos a área da Educação Musical a reconhecer o direito das crianças de tomar parte na construção do conhecimento em música, em processos nos quais suas vozes e autorias sejam reconhecidas, e nas necessárias mudanças nas posturas adultas nos mais variados contextos de aprendizagem e ensino nos quais elas se fazem presentes.

1. Educação musical da infância

Em sintonia com áreas que refletem sobre a infância como marcador social da diferença, a educação musical da infância sublinha não apenas a importância de visibilizar a ação social das crianças, mas, sobremaneira, audibilizar (Cunha, 2014) suas ações musicais nos percursos de construção de conhecimento em música. A intenção também é a de legitimar o fazer musical infantil na iniciação e na continuidade dos estudos musicais desses sujeitos.

Investigações desenvolvidas e em desenvolvimento no âmbito do Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, buscam destacar a perspectiva infantil sobre a relação das crianças com a música e com os processos de aprendizagem nessa área artística. Elas são reconhecidas como pessoas com o direito de se expressar a seu modo, interpretando e criando músicas, o que possibilita afirmar a autoria infantil com a adoção da dupla escuta de suas vozes, essencialmente polifônicas, as quais convocam as necessárias ressignificações nas atuações de docentes, colocando em questionamento o adultocentrismo nas relações, nas práticas e nas

pesquisas nas quais elas estão envolvidas. De acordo com Liebel e Markovska-Manista (2021, p. 1, tradução livre), o adultocentrismo ou adultismo pode ser definido como "a relação entre pessoas adultas e crianças que estão associadas a uma infra-valorização das mesmas e suas capacidades"[1].

Pensar práticas de aprender e ensinar música, em contextos variados como escolas, associações comunitárias, grupos vocais, instrumentais e agrupamentos de prática popular e de tradição oral, tem se constituído como contextos investigativos importantes nos estudos que vimos desenvolvendo nesse grupo de pesquisa. Como parte constituinte desses estudos, eles se voltam, também, para pensar a ação e a formação docente, a partir do reconhecimento dos saberes de professores e da importância das mudanças nas relações músico-pedagógicas com a compreensão da concepção de infância adotada. A dimensão relacional encontra-se, portanto, imbricada na educação musical da infância, como uma teia que une múltiplas dimensões de pensares e escutas: de pesquisas e práticas, da ação e da reflexão, da arte com a educação, e de adultos com crianças, em processos nos quais tem morada cativa a criação artística que confere sentidos às pessoas que fazem parte dos contextos investigados.

Ao se contrapor a modos de ensinar e aprender música nos quais o adultocentrismo marca as relações entre os sujeitos envolvidos nos processos músico-pedagógicos, a educação musical da infância questiona "modos de ensinar que centralizam decisões apenas nos professores, que escolhem caminhos pedagógicos nos quais as crianças não são enxergadas e muito menos ouvidas" (Cunha, 2020, p. 10). Muitos desses modos também são encontrados em pesquisas da área que não consideram expressões, pontos de vista e de escuta expressos pelas crianças, por meio de palavras ou das mais variadas formas que elas usam para se comunicar ou, quando o fazem, não problematizam a infância nem os contextos sociais estudados. São tanto aulas como pesquisas nas quais as crianças não têm encontrado espaço para exercer o seu direito de participação, entendido aqui como pensado por Castro (2010, p. 10):

> No seu sentido etimológico, participação origina-se do latim *participare*, participar, cuja raiz é *pars*, *partis*, o substantivo, parte. Ou seja, na raiz, participar indica a enunciação de ser parte em algo maior, comunicar-se com o que permanece além (da parte), lançar-se no movimento de inserção no todo no qual a parte é parte, como também, afetar o todo, recriá-lo. Participar, então, deslancha sempre um processo de busca, pertencimento e ação criadora.

Participar envolve a ação criadora, que ecoa e ganha sentido em nosso pensar, porque atuar de modo próximo com crianças não pressupõe apenas atividades lúdicas, coloridas, e com tudo que no senso comum as pessoas adultas julgam fazer parte de um suposto universo infantil. Com o entendimento de que não existe um mundo infantil à parte do tecido social composto por diferentes gerações (infância, adultez e velhice), o que almejamos é a compreensão da perspectiva infantil sobre as coisas dos sons e das músicas, num jogo de falar e dizer de si que também é sonoro e musical. Sendo assim, propomos uma educação musical feita com crianças, artística porque reconhece a criação como sua componente fundante, de vozes polifônicas que são reconhecidas, e de assim estabelecer diálogos musicais em um fazer que se conjuga uns com os outros, em uma docência e atitude de pesquisa ressignificadas.

Ao pensar na educação musical da infância, lançamos os marcadores inaugurais dessa caminhada de construção teórica: (1) o reconhecimento da infância como construção histórico-social e a

[1] Original: "la relación entre personas adultas y niñas y que están asociadas a una infravaloración de las mismas y sus capacidades" (Liebel; Markovska-Manista, 2021, p. 1).

geração como categoria social da diferença; (2) música como atividade enraizada em distintas culturas; (3) problematização da unilateralidade do poder adulto – adultocentrismo – e o questionamento de modos de ensinar que centralizam todas as decisões apenas nos(as) professores(as); (4) participação como um direito das crianças; (5) aulas de música como laboratórios de construção musical; (6) propostas músico-pedagógicas construídas em formato de redes de interlocuções entre elementos da linguagem musical; (7) adoção da dupla escuta como atitude docente fundamental.

Discutiremos, a seguir, marcadores que inauguraram a educação musical da infância: a concepção de infância que sustenta teoricamente os estudos e investigações do Grupo de pesquisa mei, e o lugar da criação artística nas propostas músico-pedagógicas componentes de nossas produções.

1.1 Infância como categoria social

A concepção de infância como marcador social da diferença está sustentada em uma perspectiva de estudos e práticas pedagógicas que reconhece esta geração como uma categoria social com características, direitos e experiências únicas, especialmente quando integrada em contextos educativos em música. Conceber a infância como geração possibilita entender o caráter relacional existente entre a infância e a geração adulta na sociedade (Abramowicz; Oliveira, 2013, p. 298).

Como categoria geracional, a infância é "social e histórica e geograficamente construída, heterogênea, atravessada pelas variáveis de gênero, classe, religião e etnia" (Barbosa, 2010, p. 1). Sob esta óptica, é concebida como uma construção social que envolve as crianças para além do seu "ofício de aluno" (Marchi, 2010), como agentes de transformação, com voz própria e poder de influenciar os contextos sociais e culturais nos quais estão inseridas.

O conceito de geração coloca crianças e adultos lado a lado, sem hierarquias, e nos leva a pensar o quanto a questão relacional tem sido caracterizada pelo exercício do poder adulto sobre as crianças, o que tem resultado em práticas de educação musical **para** crianças, muitas vezes ainda estruturadas por concepções biocentradas, etapistas e adultocêntricas. Ao contrário dessas visões, a perspectiva de infância na qual nos fundamentamos inclui as crianças como atores sociais plenos de direitos (Sarmento, 2008), com autonomia e capacidade para contribuir com saberes, repertórios e experiências musicais. Essa abordagem rompe com a visão das crianças como receptoras passivas de conhecimento, inacabadas e incompletas (Prado, 2014) e se alicerça na ideia de que elas possuem modos próprios de significar e produzir música que não é menor do que aqueles feitos por pessoas adultas.

Compreender a infância sob esta perspectiva teórica convoca à adoção de "novos paradigmas para pensar a infância, reconhecendo que as crianças podem falar em seu próprio nome e dizer de si" (Cunha, 2020, p. 4). Isso gera reflexão acerca da maneira com que docentes e pesquisadoras(es) se relacionam com crianças e conduzem os processos nas aulas de música e nas pesquisas, que podem se tornar espaços democráticos pelas escutas múltiplas e consequentes reverberações sobre os caminhos a serem tomados. "A aproximação às crianças e às infâncias concretiza um encontro entre adultos e a alteridade da infância e exige ainda que eduquemos o nosso olhar, para rompermos com uma relação verticalizada" (Rocha; Lessa; Buss-Simão, 2016, p. 39). Nesse sentido, o reconhecimento do adultocentrismo cede espaço, e as decisões são compartilhadas entre os sujeitos envolvidos no fazer musical. A base do trabalho é a negociação, ou seja, as crianças podem colocar suas ideias, discutir e decidir com as(os) docentes os rumos das aulas e dos processos

de construção de conhecimento na música, exercendo seu direito de participação e aprendendo, na prática, sobre o significado de cidadania e democracia.

As autoras supracitadas colocam ainda que esse é um desafio que os Estudos Sociais da Infância impõem: o da "superação de um adultocentrismo, ou seja, a superação de uma determinada cultura adulta sendo tomada como padrão superior e predominante para entender os processos educativos na infância" (Rocha; Lessa; Buss-Simão, 2016, p. 40). Com esse entendimento, muda, também, a concepção de socialização, que passa a ser entendida como um processo que não é unicamente unilateral, dos adultos para as crianças, mas sim como um emaranhado de relações em que "as crianças afetam e são afetadas pela sociedade" (Corsaro, 2011, p. 41). As crianças se socializam e socializam aqueles que estão à sua volta.

Na troca de saberes que se estabelece em sala de aula entre professores e crianças, é importante pensar que elas podem ter visões de mundo diferentes das que os docentes têm, podem discordar destes, e isso enriquece as propostas educativas, porque a dimensão criadora habita quem é novo no mundo e deseja conhecê-lo com todas as suas forças de vida. Neste cenário vibrante, o papel das(os) professoras(es) se expande para além de planejar e preparar os encontros, passando a acolher, ponderar e considerar os sentidos atribuídos pelas crianças nas propostas trazidas por elas para compor os caminhos que irão percorrer musicalmente junto a suas(seus) professoras(es).

1.2. Música e criação artística nas propostas músico-pedagógicas

Para dar início a essa seção, explicitamos nosso entendimento de música como uma linguagem a ser trabalhada e tornada conhecível nos processos de educação musical, tendo, ao mesmo tempo, a consciência de que ela é ação social enraizada culturalmente (Blacking, 2007, p. 201). Apesar de parecer contraditória e incoerente, essa complexidade do fenômeno musical precisa ser levada em consideração porque vivemos e atuamos como docentes e investigadores em um país marcado tanto pela multiculturalidade como por diferenças de classe social e raça. Essa compreensão nos leva à reflexão de que o termo música congrega em seu sentido tanto as manifestações culturais expressas pelas crianças e por docentes face às suas pertenças culturais, como por seus modos autorais de fazer e criar música nos percursos de descobertas e aprendizagens.

A compreensão da ideia de infância que aqui expusemos envolve a sensibilização do olhar e da escuta, que se voltam para as ações de descoberta e de criação artística infantil. Essa sensibilização requer escutar as crianças e construir propostas músico-pedagógicas em consonância com os princípios da educação musical da infância.

O espaço-tempo da aula de música pode assumir características de encontros nos quais as relações intergeracionais (entre adultos e crianças) e intrageracionais (entre crianças) se ancoram no respeito mútuo em que os(as) envolvidos(as) fazem música e aprendem juntos. Este fazer, em modo compartilhado de saberes e fazeres, ecoa em um lugar construído e cultivado que acolhe e amplia as mais variadas manifestações artísticas de crianças e professoras(es).

Experimentações e explorações fazem parte dos processos de descobertas na infância, e "a música, como elemento da vida, é de natureza prática. Faz-se música fazendo, e não discursando a respeito do fazer" (Fonterrada, 2011, p. 291). Aprender música enquanto se faz música, partindo do pressuposto de que docentes e crianças podem fazê-las, movimenta-se de mãos dadas com a participação, com a escuta

e com o acolhimento das diversas manifestações musicais infantis. Partindo dessa perspectiva, deve-se pensar e elaborar propostas fundadas em abordagens nas quais a criação artística seja um preceito, pois isso possibilita maior aproximação em direção às crianças por proporcionar oportunidades para os exercícios de experimentação e escolha daquilo que faz mais sentido para elas, e não apenas para as(os) professoras(es).

Segundo Brito, (2010, p. 92), "é preciso escutar, observar e caminhar junto com os alunos e alunas, para que a expressão musical se amplie e enriqueça, efetivamente". A autora coloca, ainda, que "é necessário instaurar campos de criação, de experimento, de potencialização de escutas criativas, críticas e transformadoras, abertas às 'muitas músicas da música'". Espaços acolhedores e incentivadores das criações musicais infantis podem desenvolver relações de confiança entre professoras(es) e crianças e, conforme elas se sentem seguras, se apropriam do espaço da aula de música, se responsabilizando e se comprometendo com professoras(es) e colegas.

Outro elemento significativo a ser considerado em uma abordagem músico-pedagógica fundada na dimensão criadora da arte é a liberdade para explorar e conhecer diferentes instrumentos musicais e materiais sonoros, para que, com eles, as crianças possam avaliar e selecioná-los, ou não, em suas produções musicais. Tal proposição dialoga com a reflexão de Brito (2025, p. 213-214), ao destacar que a concepção de liberdade nas práticas musicais com as crianças reivindica seus direitos "de serem reconhecidas como sujeitos autônomos", sendo elas capazes de contribuir de forma ativa e criativa.

Na próxima seção, apresentaremos conceitos que foram tratados em duas investigações de doutorado (Cunha, 2014. Brito, 2025) e um deles decorrente de uma pesquisa de mestrado (Pereira, 2023), todas realizadas por membros(as) do Grupo de pesquisa mei, desenvolvidas em três contextos distintos e sustentadas por diferentes metodologias de investigação. Os conceitos revelam três momentos da construção teórica da educação musical da infância, destacando as contribuições desses estudos para a edificação da área.

2. Dupla escuta, polifonia e docência ressignificada

Nesta parte do artigo, apresentamos os conceitos que emergiram de duas pesquisas de doutorado e uma de mestrado, realizadas na busca por compreender os modos de ação das crianças e de atuação com elas, lançando novos olhares e escutas para elas como autoras e produtoras de conhecimento musical.

O primeiro conceito a ser apresentado é o de dupla escuta (Cunha, 2014), o qual resulta de investigação sobre a formação musical de professoras da educação infantil, enfatizando a necessidade de ouvir tanto a música como as crianças fazendo música. O segundo conceito, polifonia (Brito, 2025), a partir de uma perspectiva ontológica e social, propõe um contraponto ético que reconhece e valoriza a interação entre as vozes adultas e infantis. O terceiro e último conceito que trazemos, docência ressignificada, é resultante de nossas reflexões sobre a pesquisa conduzida por Pereira (2023) em sua dissertação de mestrado. Neste estudo, a autora discute a mudança da postura docente na atuação com crianças a partir da dupla escuta e do adultocentrismo como conceitos centrais para a descentralização do poder adulto na sala de aula, promovendo relações mais horizontais entre a educadora e as crianças.

2.1. Professoras escutam crianças fazendo música: **dupla escuta** na educação infantil

Ao afirmar que "a música é um dos espaços de escuta possíveis", Ferraz (2001, p. 20) entende que ela é como um campo aberto de conversas que se definem no decorrer delas mesmas, a partir de uma linguagem. Ainda segundo o compositor, essa linguagem não é definida *a priori* e sim agenciada[2] coletivamente, entre pessoas, e possuidora de significados compartilhados, o que reforça nossa ideia de pensar a pluralidade do fazer musical.

Escutar, conversar e compartilhar sentidos musicais são verbos que buscamos conjugar no âmbito do Grupo de pesquisa mei, com base na educação musical da infância. Dentro das concepções de educação musical e de infância que sustentam os estudos do grupo, a escuta ganha um novo sentido: ela tanto cultiva a atenção aos elementos, formas e discursos da linguagem musical quanto se abre para ouvir as vozes infantis que expressam pensamentos, sentidos e modos de ser e pensar o mundo por meio da música, que também é um modo de expressão. Eis o sentido de dupla escuta.

O conceito de dupla escuta emergiu no contexto de pesquisa-ação realizada com dois grupos de professoras da rede pública do município de São Paulo – uma creche e uma escola de educação infantil –, na qual a proposta foi a de pensar a formação musical das professoras construída junto com essas docentes, a partir do que já sabiam sobre música. O estudo envolveu uma pesquisa de campo que durou um ano letivo, e, em um dado momento dos encontros formativos, as professoras começaram a compartilhar vídeos dos momentos musicais que desenvolviam com as crianças. A partir dessas visualizações das ações musicais infantis junto às professoras, a escuta voltou-se para pensar a música na relação com as crianças. Das análises e reflexões sobre os acontecimentos presentes nos vídeos, foi fazendo cada vez mais sentido colocar a atenção da escuta docente não apenas na música, mas também nas crianças fazendo música, um modo genuíno de pensar o mundo e de atuar sobre ele por meio dessa linguagem.

> A presença da "dupla escuta" trouxe, para o jogo que se estabeleceu entre adultos e crianças nos dois espaços educativos, as investigações e descobertas das sonoridades do corpo e dos materiais produtores de sons, em um fazer ao mesmo tempo musical e brincante. Ter a oportunidade de voltar o olhar e o ouvir para as crianças, com suas maneiras de aprender – que são essencialmente relacionais, lúdicas, recursivas, e com a presença de um rico imaginário, foi um ganho para a atuação musical das professoras e um mérito desse modelo de investigação e intervenção (Cunha, 2014, p. 151).

Dupla escuta significa ouvir as crianças fazendo música, reconhecendo que suas vozes expressam modos de ser, pensar e de se constituir e que esta é atitude de docentes (e aqui acrescentamos, de pesquisadoras e pesquisadores) comprometidas(os) com a infância e com o direito de crianças de tomar parte efetiva em sua formação na escola de educação infantil e, também, na construção do conhecimento musical. Ao falar sobre vozes infantis, estas devem ser aqui compreendidas em um sentido amplo, que envolve tanto a fala como gestos, posturas corporais, expressões faciais, movimentos, assim como o comprometimento ou o desagrado que permeiam esses processos formativos, assim como são todas as expressões externadas nas ações cotidianas na educação infantil.

[2] O sentido de agenciamento deve ser entendido com base em Deleuze e Guattari e não deve ser confundido com o conceito de agência tratado pelos Estudos Sociais da Infância. De acordo com Cruz e Aguiar (2023, p. 120), "no pensamento deleuze-guattariano, o agenciamento está em confronto direto com a narrativa tradicional, isto é, aquele romance em que notamos apenas a voz do autor. A noção de agenciamento na episteme de Deleuze e Guattari (2017a; 2017b) serve como motor para criar expectativas e tangenciar vozes que foram suprimidas por uma literatura e historiografia tradicional.

A dupla escuta é sensível, se deixa afetar, abraça, acolhe, incentiva e se abre aos diálogos que se estabelecem entre adultos e crianças, em percursos nos quais acontecem pesquisas de materiais sonoros, escolha de repertórios, modos de interpretar e de criar músicas. Nesses caminhos, adultos e crianças trocam saberes e constroem conhecimento em situações que conferem sentido às ações musicais compartilhadas. Trabalhar a partir dessa perspectiva possibilita às crianças exercitarem seu poder de escolha e decisão sobre aquilo que diz respeito a elas, além de argumentar e defender o que pensam e seus interesses de saber mais. Podemos dizer que esses são exercícios participatórios importantes para o aprendizado da cidadania.

A partir do trabalho com esse conceito inaugural, o Grupo de pesquisa mei vem ampliando as temáticas de estudos, aprofundando as reflexões com investigações de novos(as) integrantes, criando proposições de novos conceitos, resultantes tanto das próprias investigações como na revisitação de uma delas. Este foi o caso da dissertação de Pereira (2023), possibilitada pelo mergulho teórico e pelos debates que fizemos para a escrita deste artigo. As novas conceituações são o assunto que trataremos nas duas seções seguintes.

2.2. Polifonia: contraponto ético e social entre vozes infantis e adultas no coro infantil

Ao estabelecer diálogo interdisciplinar entre a Sociologia da Infância e a educação musical da infância, Brito (2025) realizou seu estudo de doutorado com dois objetivos principais. O primeiro deles foi o de apresentar o conceito de polifonia numa perspectiva ontológica e social, a partir da problematização crítica sobre a continuidade de uma imagem infantil marcada pela subalternidade e pela invisibilidade. O segundo objetivo foi, à luz do conceito de polifonia, investigar em que medida as vozes infantis têm sido visibilizadas e audibilizadas nas tomadas de decisão relativas ao contexto do coro infantil.

Mapeando como a imagem da criança foi entendida desde os primeiros estudos que tematizaram a infância nas diversas áreas dos Estudos Sociais da Infância, a tese sublinha que, apesar dos inúmeros esforços teóricos constituídos desde o último quartel dos anos de 1980 sobre os direitos de voz e participação infantil, as crianças são, ainda hoje, caracterizadas não pelas suas vozes, mas pelos seus silêncios. Sua análise, fundamentada nas reflexões de autores como James (2007; 2009), Spyrou (2016) e Cooper (2023), observou que, embora a Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC), de 1989, paralelamente ao desenvolvimento da Sociologia da Infância, tenha estabelecido o conceito de "voz" na infância no nível teórico, o silenciamento permanece enraizado na prática, perpetuando desigualdades e limitando o potencial inovador das crianças no contexto social, especialmente no âmbito prático.

O termo "dar voz às crianças" problematizado na tese, apesar de amplamente discutido nos Estudos Sociais da Infância, se manifesta sob uma dinâmica de poder intrinsecamente autoritária, onde a decisão de como e quando essas vozes serão ouvidas estará sempre nas mãos de um adulto. Em resposta a essa questão, o estudo propõe três esferas fundamentais de direitos das crianças para pensar a polifonia: o direito à cultura, à autonomia e ao reconhecimento. Sublinha que a interseccionalidade entre essas esferas é crucial para promover práticas que favoreçam um diálogo horizontal entre adultos e crianças, baseado na igualdade, na ética e no respeito mútuo.

O estudo foi composto por uma investigação etnográfica com crianças com idades entre sete e 12 anos, todas participantes do Coro Infantil do Projeto Piá Professora Maria Aparecida Mollo Jorge, na cidade de Itambé, no interior do Paraná. A partir de observações, registros em áudio e vídeo dos ensaios

e apresentações do grupo, bem como dos diálogos com as crianças sobre os desenhos produzidos que tematizaram suas visões acerca do que denominaram "Coral dos Sonhos", foram analisadas questões como o brincar, a ludicidade, a autoria musical, a escolha de repertório e a organização dos eventos do coro infantil por parte das crianças, além dos espaços de ensaio, a liberdade de expressão e de tomada de decisões dentro do grupo.

Foram detalhados os desdobramentos ocorridos desde as primeiras reuniões entre a regente e as crianças para a preparação do Concerto de Natal, com foco nas interações e decisões que configuraram o processo criativo e educativo. Com a proposta das próprias crianças de desenvolverem uma composição autoral para integrar o repertório do concerto, foram examinados os diversos caminhos e desafios surgidos ao longo desse percurso. A análise destaca momentos de insegurança da regente, que enfrentou não apenas as pressões e exigências da coordenação do projeto ao qual o coro é vinculado, mas também lidou com limitações de tempo e com a sua própria visão estética e concepções sobre musicalidade infantil.

> Esse conflito entre a abertura à participação infantil e as expectativas externas institucionais reflete uma dinâmica complexa de poder e autoridade na educação, na qual os interesses e valores das instituições muitas vezes se sobrepõem à autonomia e à expressão das crianças. Nesse sentido, a professora se vê confrontada com a necessidade de equilibrar a promoção da voz infantil com as demandas externas (Brito, 2025, p. 174-175).

Ao longo do processo, as crianças demonstraram crescente autonomia e capacidade de articulação diante dos desafios inerentes ao desenvolvimento de uma obra original. O estudo revela que, mesmo diante de obstáculos significativos, como a pressão por cumprir cronogramas e as barreiras impostas pelas expectativas estéticas e de performance da regente e da coordenação, as crianças mantiveram elevado envolvimento. Por conseguinte, o autor destaca os entraves que podem ocorrer na promoção dos direitos de voz das crianças no ambiente musical, sendo urgente e necessária a reflexão sobre a polifonia de vozes, onde as decisões sejam conduzidas de maneira igualitária e ética entre adultos e crianças, fomentando assim a interação entre os participantes. O engajamento das crianças quando escutadas e quando suas vozes foram consideradas durante o processo foi observado não só no desenvolvimento da criação musical, mas também na organização colaborativa do concerto final, estabelecendo um ambiente de cocriação com a regente.

Ao descreverem o "Coral dos Sonhos" por meio de seus desenhos, as crianças apresentaram suas compreensões sobre a importância de uma prática musical elaborada, também, a partir das perspectivas infantis. Para as crianças, a questão central esteve relacionada à liberdade necessária dentro desta modalidade musical, sobretudo para tomar decisões atinentes à seleção do repertório, à organização e estruturação da prática musical, e ao planejamento de concertos. Por essa razão, o pesquisador destaca que a promoção de espaços onde a autoria e autonomia das crianças sejam evidenciadas contribui para a construção coletiva do conhecimento, sobretudo na modalidade do canto coral.

O pesquisador defende que a visibilidade e a audibilidade das vozes das crianças não ocorrem de forma isolada, mas sim em interações éticas e dialógicas entre as vozes infantis e adultas. Esse processo, segundo o autor, exige a desconstrução de concepções ultrapassadas sobre "dar voz", pois, como afirma, ninguém pode dar voz a quem já a possui. A questão centra-se em audibilizar tanto as vozes quanto o conhecimento musical profundo que as crianças carregam consigo. Além disso, observa que os resultados de sua investigação abrem caminhos para futuras pesquisas voltadas à promoção da polifonia em diversas modalidades de ensino musical, incluindo aulas de instrumentos, grupos de prática orquestral e coros infantis.

2.3 Professora, presente: por uma docência ressignificada

Em sua pesquisa de mestrado, Pereira (2023) estudou a importância da ressignificação da postura docente na relação com crianças, proposta como um princípio pela educação musical da infância. O objetivo foi compreender seu papel no estabelecimento de relações mais horizontalizadas com as crianças com as quais trabalhava, bem como evidenciar práticas músico-pedagógicas desenvolvidas com elas na escola.

A investigação, de caráter qualitativo, adotou um contraponto entre a pesquisa bibliográfica e a pesquisa (auto)biográfica, num diálogo construído no decorrer dos estudos realizados ao longo do mestrado com sua prática docente nas aulas de música. O campo da pesquisa foi uma turma de anos iniciais do ensino fundamental, em uma escola de município localizado na grande Porto Alegre (RS). A dissertação traz relatos acerca da compreensão de que as relações entre adultos e crianças são marcadas pelo adultocentrismo e de como esse preconceito e a dupla escuta possibilitaram reflexão sobre sua prática profissional docente.

De acordo com a autora, a mudança em sua postura docente deu-se a partir de observações aos interesses das crianças, para além do que era proposto em aula. A partir de sua solicitação para que as crianças compartilhassem com as demais colegas da turma o que haviam inventado musicalmente, mudanças aconteceram na turma e na postura das crianças, que passaram a querer mostrar rotineiramente o que criavam para as colegas e para a professora. Em seus relatos, a pesquisadora conta que, após essa mudança, ainda que pequena, em sua postura com relação ao modo com que conduzia as aulas, ela percebeu que as crianças se envolviam mais e se sentiam mais pertencentes ao espaço-tempo da aula de música.

Aos poucos foi-se abrindo espaço para que elas se manifestassem e colocassem suas ideias, adotando uma postura mais horizontal com elas para o ano seguinte. Nesse percurso de ressignificação docente, a autora questiona alguns conceitos arraigados na formação docente, como a ideia de domínio de turma, e afirma que esse tipo de pensamento precisa ser repensado e ultrapassado.

Ao descrever um dos momentos de criação musical em sua aula, ela destaca as surpresas observadas durante todo o processo, tanto para ela quanto para as crianças. Foram acontecimentos em que ela não estava determinando o roteiro da aula, mas estava profundamente envolvida junto com as crianças, sendo parceira no processo de criação musical. Importante destacar o quão significativo foi para a autora tal proposição e, por esse caminho, o quanto isso exigiu da professora o afastamento de um pretenso domínio de turma para se tornar parceira das crianças nos processos de ensino-aprendizagem da música. Em diversas ocasiões, ela apenas observava as atitudes das crianças, uma vez que sua intervenção não se fazia necessária na maioria das vezes.

De acordo com o estudo, "a participação se constrói em relações mais abertas e democráticas entre adultos e crianças. Relações essas que já não são marcadas pelo adultocentrismo, mas sim pelas negociações entre os envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem" (Pereira, 2023, p. 67). A partir de proposta de criação coletiva, a autora revela que a aula "passou a ser momento de encontro e integração", e que esse trabalho, fundado em abordagens criativas, exige que professoras(es) se coloquem em uma atitude de disponibilidade frente à turma, devendo estar abertas(os) às imprevisibilidades e ao caos momentâneo que eventualmente possa surgir quando lançam uma proposta para a turma. Essa aproximação com as crianças teve como resultado relações mais horizontais e respeitosas, e elas passaram a vê-la como uma parceira de suas criações, fortalecendo as relações entre professora e crianças, que se sentiram mais seguras e confiantes em mostrar suas ideias para o grupo.

Ao revisitar os registros e reflexões que fundamentaram este estudo para a escrita do presente artigo, pudemos refletir e debater sobre o conceito que traduziria com maior precisão a temática tratada, e propusemos a adoção do termo docência ressignificada. Sustentada na dupla escuta, o conceito se apoia também no direito de participação das crianças e na infância como categoria geracional, intrinsecamente inserida em relações sociais historicamente marcadas pelo adultocentrismo. A docência ressignificada afirma ser imperativo que educadoras(es) compreendam a impossibilidade de manter a centralidade absoluta do poder pedagógico, uma vez que a construção do conhecimento musical deve se configurar como um processo dialógico e compartilhado.

Dessa forma, a docência, no âmbito teórico da educação musical da infância, demanda um deslocamento epistemológico e metodológico que favoreça a participação efetiva das crianças nas decisões que envolvem seus processos formativos. Assim, professoras(es) estabelecem parcerias com as crianças, criando um ambiente propício à experimentação e à composição musical, no qual a criação coletiva adquire centralidade e contribui para a construção de significados e para o sentimento de pertença infantil nos estudos musicais.

Este é o sentido de docência ressignificada. É ter consciência do adultocentrismo que marca a relação de adultos com crianças e de praticar a dupla escuta nas aulas de música com elas. É atuar de modo afinado com as crianças, como se fora uma dança que se dança junto. É tanto planejar as propostas como se deslocar de posições docentes centralizadoras e se colocar numa postura observadora, convidando as crianças a dançarem junto coreografias resultantes dos processos de construção de conhecimento em música.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo discutir três conceitos: dupla escuta, polifonia e docência ressignificada, nas pesquisas e atuações músico-pedagógicas com crianças. Fundamentados na educação musical da infância, os conceitos são decorrentes das investigações de doutorado e de pesquisa de mestrado revisitadas por membras(o) do Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina. Em sua construção teórica, a educação musical da infância tem buscado evidenciar como o reconhecimento das crianças, como atores sociais plenos de direitos, pode transformar as dinâmicas educativas e contribuir para pesquisas e práticas musicais mais éticas, democráticas e inclusivas.

Na explicitação dos conceitos, o artigo reafirma a relevância da educação musical da infância como área interdisciplinar, integrando pressupostos dos Estudos Sociais da Infância às práticas de pesquisa e de aprendizagem em ensino da música. Ao desafiar abordagens tradicionalmente adultocêntricas e centradas em perspectivas que pensam a infância como tempo de passagem, fundamentadas em visões que historicamente relegaram as crianças a papéis passivos e silenciados em contextos educativos, propomos pensar pesquisas e práticas pedagógicas que legitimem as expressões, perspectivas e contribuições das crianças. A música, como substantivo plural, é, nesse sentido, compreendida não apenas como linguagem artística, mas reconhecida também como ação social transformadora que permite às crianças expressarem sua autonomia, autoria e poder de decisão.

As reflexões apresentadas enfatizam que a superação de modelos hierárquicos na educação musical exige o reconhecimento dos modos como as crianças constroem e compartilham significados em seus contextos socioculturais. Dupla escuta, polifonia e docência ressignificada emergem como conceitos centrais nesse processo, demandando das(os) profissionais que atuam com crianças uma postura sensível, aberta ao diálogo e comprometida com a construção coletiva do conhecimento musical.

Por fim, esperamos que os debates aqui empreendidos possam contribuir para o fortalecimento teórico e prático da educação musical da infância como área dos Estudos Sociais da Infância, e perspectiva da Educação Musical, oferecendo subsídios para pesquisas e práticas com crianças. Com base na infância como marcador social da diferença, esta área emergente pode também subsidiar a formação e atualização docente, a formulação de políticas públicas e a construção de abordagens músico-pedagógicas que integrem a dupla escuta, a polifonia e uma docência ressignificada nas propostas de trabalho da educação musical.

Que as reflexões aqui desenvolvidas possam inspirar futuras investigações, ampliando os horizontes desta área e consolidando-a como um espaço de diálogo interdisciplinar e de possibilidades para a transformação social. Adicionalmente, como pesquisadoras(es) e professoras(es) da educação musical e da infância, reforçamos o compromisso com a construção de uma educação musical que valorize as vozes infantis, promova o engajamento crítico das crianças e as reconheça como autoras de suas próprias trajetórias de aprendizagem e de criação artística nessa área, trazendo contribuições para a construção da cidadania infantil e, por conseguinte, da democracia, questão relevante para pensarmos nosso papel na sociedade, em especial no Brasil.

Referências

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A infância analisa a educação básica. *Acta Scientiarum, Education*, Maringá, v. 35, p. 293-300, jul./dez. 2013. Disponível em: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303328749016. Acesso em: 6 dez. 2024.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Pedagogia da infância. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (org.). *Dicionário*: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: https://gestrado.net.br/verbetes/pedagogia-da-infancia/. Acesso em: 6 dez. 2024.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo*, n. 16, p. 201-218, 2007.

BRITO, Dhemy de. *Polifonia e o direito de voz das crianças*: diálogos entre a Sociologia da Infância e a Educação Musical da Infância. 2025. 270 f. Tese (Doutoramento em Estudos da Criança). Universidade do Minho, Braga, 2025. Disponível em: https://hdl.handle.net/1822/94998. Acesso em: 6 dez. 2024.

BRITO, Teca Alencar de. Ferramentas com brinquedos: a caixa da música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, p. 89-93, set. 2010. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/207. Acesso em: 6 dez. 2024.

CASTRO, Lucia Rabello de (coord.). *Falatório*: participação e democracia na escola. Rio de Janeiro: Contra-capa; Faperj, 2010.

COOPER, Victoria. Child Focused Research: Disconnected and Disembodied Voices. *Childhood*, v. 30, n. 1, p. 71-85, 2023.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, João Vitor Dias; AGUIAR, Ana Lídia Leite. O agenciamento deleuze-guattariano na teia jaminiana: política e revolução no romance jamaicano Breve História de Sete Assassinatos. *Inventário*, v. 31, p. 118-137, 2023.

CUNHA, Sandra Mara da. *Eu canto pra você*: saberes musicais de professores da pequena infância. 2014. 165 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças e música: educação musical e estudos da infância em diálogo. *Childhood & Philosophy*, v. 16, p. 1-20, 2020. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/48349. Acesso em: 2 dez. 2024.

FERRAZ, Silvio. Apontamentos sobre a escuta musical. *Música Hodie*, v. 1, p. 19-23, 2001.

FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Raymond Murray Schafer: o educador musical em um mundo de mudança. *In*: MATEIRO, T.; ILARI, B. (org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. p. 275-303.

JAMES, Alisson. Giving Voice to Children's Voices: Practices and Problems, Pitfalls and Potentials. *American Anthropologist*, v. 109, n. 2, p. 261-272, 2007.

JAMES, Alisson. Agency. *In*: QVORTRUP, J.; CORSARO, W. A.; HONIG, M.-S. (ed.). *The Palgrave Handbook of Childhood Studies*. Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 2009. p. 34-45.

LAROSSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Educação & Realidade*, v. 28, n. 2, p. 101-115, 2003.

LIEBEL, Manfred; MAROKOVSKA-MANISTA, Urszula. Presentación. Cuestiones éticas y epistemológicas en la investigación con niños. *Sociedad e Infancia*, v. 5, p. 1-4, 2020. Disponível em: https://revistas.ucm.es/index.php/SOCI/article/view/74230/4564456555723. Acesso em: 20 nov. 2024.

MARCHI, Rita de Castro. O "ofício de aluno" e o "ofício de criança": articulações entre a sociologia da educação e a sociologia da infância. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 23, n. 1, p. 183-202, 2018. DOI: 10.21814/rpe.13983. Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13983. Acesso em: 10 dez. 2024.

PEREIRA, Lisiane Cristina da Silva. *Dos caminhos de uma professora-artista-pesquisadora*. 2023. 85 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/0000ba/0000ba0b.pdf. Acesso em: 6 dez. 2024.

PRADO, Renata Lopes da Costa. *A participação de crianças em pesquisas brasileiras das ciências sociais e humanas*. 2014. 294 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-27112014-103246/pt-br.php. Acesso em: 20 de nov. 2024.

ROCHA, Eloisa Acires Candal; LESSA, Juliana Schumacker; BUSS-SIMÃO, Márcia. Pedagogia da Infância: interlocuções disciplinares na pesquisa em Educação. *Da Investigação às Práticas*, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 31-49, 2016. Disponível em: https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/6435. Acesso em: 6 dez. 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da Infância: correntes e confluências. *In*: SARMENTO, M. J.; GOUVEA, M. C. S. de (org.). *Estudos da infância*: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 17-39.

SPYROU, Spiros. Researching Children's Silences: Exploring the Fullness of Vice in Childhood Research. *Childhood*, v. 23, n. 1, p. 7-21, 2016.

Sandra Mara da Cunha possui doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela mesma instituição. Mestre em Artes pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, graduada em Instrumento-Piano, e licenciada em Música pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Departamento de Música e do Programa de Pós-Graduação em Música do Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis-SC. Líder do Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, vinculado ao PPGMUS/UDESC. Tem experiência na área de Artes e da Educação, com ênfase em Educação Musical, atuando principalmente nos seguintes temas: educação musical da infância, formação de professores, estágio curricular supervisionado em música, educação infantil, sociologia da infância, estudos sociais da infância, pesquisa participativa com crianças, etnografia. cunhasandramarada@gmail.com

Dhemy Fernando Vieira Brito é doutor em Estudos da Criança, na especialidade de Infância, Cultura e Sociedade, pela Universidade do Minho, Portugal. Mestre em Música pela Universidade do Estado de Santa Catarina, bacharel em Canto pela Universidade Estadual de Maringá e licenciado em Música pelo Claretiano - Rede de Educação. É Professor Auxiliar Convidado no Instituto de Educação, no Departamento de Ciências Sociais da Educação da Universidade do Minho, e membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança – CIEC. Os seus principais interesses de investigação centram-se nas discussões dos Estudos Sociais e Artísticos da Infância, áreas em que tem realizado publicações, incluindo o livro "O Coro Infantil e as Crianças: por que e para quem elas cantam" (2020). dhemybrito@gmail.com

Lisiane Cristina da Silva Pereira é doutoranda e mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de pesquisa mei: música, educação, infância, vinculado ao PPGMUS/UDESC. Possui graduação em Música - licenciatura, pelo Instituto Superior de Educação IVOTI. Atualmente é professora na Rede Municipal de Ensino na cidade de Novo Hamburgo, atuando com o projeto Linguagens Artísticas - Arte e Música e Mediação de Leitura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Educação Musical. lisianec.spereira@gmail.com

A *Opus* está licenciada sob uma licença CC-BY.